

JESUS: O MESSIAS DA AMIZADE SOCIAL

Jessé Evangelista Guimarães, Mestrando em Filosofia pela Universidade Federal do ABC (UFABC). Pós-graduado em Ensino de Filosofia no Ensino Médio pela Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP) e Ensino Religioso, Práticas Pedagógicas em Ensino das Religiões pelo Centro Universitário Assunção (UNIFAI). Graduado em Filosofia pelo Centro Universitário Assunção (UNIFAI).*

RESUMO

Neste trabalho, apresentamos de forma sucinta as esperanças messiânicas populares judaicas do primeiro século d. C. Verificamos que Jesus de Nazaré rompe com o protótipo de messias, cuja figura assentava-se no Rei Davi – guerreiro ungido –, e inaugura um novo movimento baseado no amor e na fraternidade. Trazemos, também, as reflexões do Papa Francisco, em sua Carta Encíclica *Fratelli Tutti*, que visam à construção de um mundo mais unido, onde possamos superar os desafios que nos dividem, tornando-nos mais sensíveis à dignidade humana e reconhecendo o outro como irmão. Pontuamos algumas passagens dos Evangelhos que exemplificam, com os ensinamentos e a prática de Jesus, o conceito de *amizade social*.

Palavras-chave: Movimentos Messiânicos. Amizade Social. Fraternidade.

RESUMEN

En este trabajo, presentamos de manera concisa las esperanzas mesiánicas populares judías del primer siglo d.C. Verificamos que Jesús de Nazaret rompe con el prototipo de mesías, cuya figura se basaba en el Rey David, guerrero ungido, e inaugura un nuevo movimiento basado en el amor y la fraternidad. También traemos las reflexiones del Papa Francisco en su Carta Encíclica *Fratelli Tutti*, que apuntan a la construcción de un mundo más unido, donde podamos superar los desafíos que nos dividen, volviéndonos más sensibles a la dignidad humana y reconociendo al otro como hermano. Destacamos algunas pasajes de los Evangelios que ejemplifican, con las enseñanzas y la práctica de Jesús, el concepto de amistad social.

Palabras clave: Movimientos Mesiánicos. Amistad Social. Fraternidad.

* E-mail: j.maraes@hotmail.com

Introdução

A vida contemporânea carrega um elevado grau de complexidade que se estende em todas as esferas da existência humana, desde as relações sociais a ambientais. O mundo globalizado abre as portas para o livre mercado, o lucro e a mercadoria são hipervalorizados e sobrepostos à vida humana e do planeta. Essa visão de mundo gera uma sociedade individualizada e indiferente. A preocupação consigo mesmo impede-nos de olhar as necessidades dos outros, dificultando a construção de um mundo mais justo e fraterno. Até a dimensão religiosa do ser humano é afetada por essa individualização, o que significa que a religiosidade também está sujeita ao bel-prazer do homem particular em detrimento do coletivo. Nessa perspectiva, vale destacar quem foi Jesus de Nazaré, pontuar alguns de seus ensinamentos e verificar o convite feito pelo Papa Francisco em sua Carta Encíclica *Fratelli Tutti*.

O presente trabalho, traz uma breve síntese das esperanças messiânicas judaicas do primeiro século d. C., que tinham como protótipo a figura do rei Davi, ilustre guerreiro, aclamado e ungido rei de sua tribo, posteriormente ungido rei de Israel pelos sacerdotes do seu tempo. As esperanças populares judaicas, em contrapartida, cansadas e desiludidas de uma vida de opressão impostas, tanto pela elite sacerdotal, como pelos altos impostos e a violência do Império Romano, ansiavam pela vinda de um messias que os libertassem desse julgo pesado. Todavia, rompendo com o protótipo esperado, Jesus de Nazaré inaugura um novo modelo messiânico baseado no amor e na compaixão.

Apresentamos também, alguns apontamentos realizados pelo Papa Francisco em sua Carta Encíclica *Fratelli Tutti*. Os apontamentos referem-se as dificuldades que nosso mundo contemporâneo precisa enfrentar para construirmos uma sociedade mais igual, justa e fraterna. E assim, podermos sonhar e colocar em prática este sonho, a partir da *amizade social*, que consiste em um amor fraterno que respeita as diversidades.

Por fim, percorremos alguns Evangelhos, explicitando à base da amizade social, mostrando que Jesus de Nazaré estava preocupado em resgatar a dignidade humana, independentemente de posicionamentos políticos ou sociais. Ensinando na prática o amor e a caridade, este amor fraterno que podemos sentir e colocar em prática ainda hoje.

Os messias esperados no primeiro século.

“E acima dele estava a inscrição da sua culpa: ‘O Rei dos judeus’” (Mc 15,26).

A vida e a morte de Jesus de Nazaré e a grande revolta judaica de 66-70, foram os dois fatos altamente significativos que ocorreram na

Palestina judaica, em meados do século primeiro de nossa era, segundo Horsley e Hanson (1995). Jesus de Nazaré tornou-se a figura central do cristianismo, ou seja, a fé e a instituição religiosa predominante do Ocidente. Já com a revolta judaica, ocorreu uma grande devastação na Palestina, incluindo a destruição do templo e de boa parte da cidade de Jerusalém, isso levou o judaísmo a se reconstruir, não somente enquanto sociedade, mas também tornou-se um judaísmo rabínico.

Para os autores, nesses dois grandes eventos, os camponeses judeus foram a fonte originária da mudança histórica e de suas ramificações. Jesus, camponês da aldeia de Nazaré, ensinava a partir de parábolas, tirava suas analogias das experiências da vida camponesa na Galileia. Assim também, ocorre na revolta judaica, dos camponeses saíram a grande maioria que originalmente expulsaram e resistiram à reconquista romana do país. Segundo eles, qualquer sociedade tradicional, como a Palestina, era constituída de noventa por cento ou mais de camponeses. Entretanto, nós modernos, sabemos pouquíssimo sobre os movimentos camponeses, pois a história sempre foi contada a partir de reduzidos grupos pertencentes a elite:

As razões para tal lacuna, tal ignorância do grosso da população num período de resto intensamente estudado, não são difíceis de identificar. A mais decisiva foi a orientação básica seguida pelos estudos do Novo Testamento. Sendo um campo cujo objetivo principal tem sido o de interpretar literatura sacra, em geral concentrou-se quase exclusivamente em literatura e consequentemente com a atenção voltada para as elites dominantes e outros grupos instruídos que produziram documentos literários ou neles aparecem. A outra razão óbvia para a negligência do povo comum é a escassez de fontes e de provas. (HORSLEY; HANSON, 1995, p. 8)

Jesus de Nazaré não foi o único a ser executado pelo Império Romano sob a acusação de ser considerado o *rei dos judeus*, em outras palavras, Pôncio Pilatos não foi o único oficial romano a tratar com um líder judeu que era proclamado pelo povo como rei. Tanto antes como depois de Jesus, houve líderes populares – em sua maioria, advindos dos camponeses – que foram aclamados pelos seus seguidores com este título. Sendo assim: “Parece, portanto, que uma das formas concretas assumidas pela inquietação social no período tardio do segundo templo foi a de grupos de seguidores reunidos em torno de um líder que tinham aclamado como rei.” (HORSLEY; HANSON, 1995, p. 89)

Os autores supracitados, pontuam a importância de eliminarmos de nossas mentes três conceitos padrão e que estão interrelacionados ao tratarmos dos movimentos populares judaicos, são eles: nosso

entendimento do termo *messias*, que foi fortemente marcado pela cristologia ocidental. Este termo teve sua origem simplesmente da tradução grega do hebraico *mashîah*, que significa ungido, e a junção de várias linhas diferentes de esperança judaica, juntamente com conceitos gregos, formaram a antiga concepção cristã ortodoxa de Cristo; em segundo lugar, precisamos perceber que as obras dos estudiosos aumentaram mais o potencial de confusão, no que se refere aos movimentos messiânicos e proféticos populares judaicos. Isso porque, na pesquisa teológica tradicional judaica e cristã, os estudiosos por vezes usam o termo *messiânico* como equivalente de *escatológico*. Para acrescentar, antropólogos, sociólogos e historiadores, por tratarem a tradição judaico-cristã, em certa parte, superficialmente, usaram os termos *messias* e *messiânico* como equivalentes – igualmente vagos – dos termos *líder carismático* e *milenaristas*.

Em terceiro lugar – de acordo com os autores: o mais prejudicial para o conceito de *messias* –, é que os estudos recentes apontam que não havia uma esperança geral em um *messias* no período pré-cristão. As esperanças judaicas no período romano não eram uniformes, pelo contrário, era diversas e fluídas. Nas palavras dos autores:

Não houve expectativa uniforme de “o messias” até bem depois da destruição de Jerusalém em 70 d.C., quando se tornou padronizado em decorrência da reflexão rabínica. De fato, o termo é relativamente raro na literatura antes de Jesus e no período contemporâneo a ele. Além disso, a designação *messias* não é um elemento essencial na esperança escatológica judaica. Na verdade, nem mesmo ocorre uma figura real na maior parte da literatura apocalíptica judaica. Assim, é uma simplificação e um equívoco histórico dizer que os judeus esperavam um messias “nacional” ou “político”, enquanto o cristianismo primitivo se concentrava num “messias” espiritual – afirmações frequentemente encontradas na interpretação do Novo Testamento. (HORSLEY; HANSON, 1995, p. 91)

Mesmo que o termo *messias* apareça raramente na literatura judaica, havia sim, expectativas de um líder real ungido. Em alguns níveis da sociedade judaica existiu a esperança de que um agente real, enviado por Deus, iria libertar o povo. Além da imagem, pouco atestada do *messias*, outras imagens que expressavam a tradição de esperança judaica são encontradas no judaísmo pré-cristão, a mais notória delas é a figura de um *rei davídico*.

Os autores também usaram a abordagem crítica para analisar o conceito de *rei davídico*. Segundo eles, temos dois pontos importantes para analisarmos: Em primeiro lugar, o rei davídico esperado não era

necessariamente um *filho de Davi*. Ocorre aqui o mesmo que aconteceu com o conceito de messias, ele não aparece com frequência na literatura judaica antes do ano 70 d. C. Ainda que a expressão filho de Davi tenha se configurado uma expressão comum no tempo de Jesus, não significa que o povo aguardasse um descendente físico, ou um filho no sentido literal, até porque pode-se duvidar seriamente se havia qualquer família, cuja descendência da casa de Davi, pudesse ser comprovada. O segundo ponto reside nas diversas discussões sobre a realeza messiânica em geral, e em especial sobre o filho de Davi, essa ideia tem como base a *aliança davídica*, isto é, a promessa incondicional que Deus fez a Davi, de que a sua realeza subsistirá para sempre.

Para Horsley e Hanson, não é uma tarefa fácil determinar as expectativas messiânicas que os judeus tinham no período dos imperadores romanos. Porém, eles atribuem uma consideração significativa para a espera do messias às Dezoito Bênçãos – *Shemone Esre* – oração realizada pelos judeus piedosos ao menos três vezes ao dia. Essas orações, em especial a décima quarta e a décima quinta, que tem como foco uma nova independência do povo judeu, podem ter contribuído para fomentar a esperança messiânica popular, na primeira metade do século I d.C. Nas palavras dos autores:

É difícil determinar o grau de concentração e de intensidade das expectativas messiânicas sob os governadores romanos. As Dezoito Bênçãos, orações recitadas pelo povo, podem refletir (e podem ter ajudado a enfocar) as esperanças populares durante o primeiro século da era cristã. O texto atual das *Shemone Esre* que possuímos só chegou à sua forma final após a queda de Jerusalém em 70, mas considera-se que inclui orações de épocas mais antigas. Assim, é possível e até provável que, em tempos pré-cristãos, os judeus piedosos orassem (três vezes ao dia) pelo nascimento do ramo de Davi e pelo crescimento do seu chifre, como na décima quarta e décima quinta bênção. (HORSLEY; HANSON, 1995, p. 105)

Contraopondo-se com o ramo de Davi, figura messiânica idealizada e esperada pelos essênios – grupo instruído – e outros grupos da elite judaica, as expectativas messiânicas populares dos meados do primeiro século d.C., se configuraram da seguinte forma: primeiro, em torno de um *rei carismático*, não importando se sua origem era humilde; segundo, o povo não procurava um líder na nobreza ou nas famílias distintas, justamente pelo fato desses movimentos serem formados majoritariamente por camponeses, cansados de serem explorados pela nobreza. Enfim, os participantes dos movimentos messiânicos, foram em geral, os camponeses, os homens desesperados, marginalizados pela opressão da

elite e da força do império romano. Tinham como principal objetivo: “derrubar a dominação herodiana e romana e restaurar os ideais tradicionais de uma sociedade livre e igualitária.” (HORSLEY; HANSON, 1995, p. 110)

O professor Nakanose afirma que: “O pano de fundo histórico da febre messiânica, que contagiava o povo de Israel, no primeiro século d. C., é consequência do fracasso do movimento dos Macabeus (166-63 a. C.) e da ascensão e dominação do poder romano (63 a. C.-135 d. C.)” (NAKANOSE, 2012, p. 16).

Nakanose elenca alguns movimentos de resistência ao domínio romano: *Banditismo*, grupos formados por camponeses endividados e expulsos de suas terras, que se refugiaram nas montanhas. Juntavam-se aos salteadores para atacar as caravanas romanas e faziam incursões nas áreas fronteiriças; *Movimentos messiânicos*, os camponeses explorados e em dificuldade, juntavam-se a algum grupo messiânico – em torno de um rei popular, figura carismática – e sonhavam com um líder como Davi ou o “filho do homem”, que estabeleceria o reinado definitivo de Israel. *Movimentos proféticos*, no primeiro século, foi constatado o ressurgimento de profetas com as características da tradição bíblica. Eles, assim como João Batista, denunciavam as injustiças e anunciavam o julgo de Deus.

Com toda efervescência de movimentos judaicos, que expressavam a ânsia do povo pela libertação da opressão romana, não é uma tarefa fácil descrever o Jesus histórico e sua vida, também surgem questões como: Jesus participava de algum movimento? Em que medida Jesus se enquadra no protótipo messiânico esperado pelo povo de sua época? Nakanose pontua que a tarefa de descrever Jesus em sua época não é fácil pois os Evangelhos misturam-se as atividades dele e as interpretações que foram feitas posteriormente pelas comunidades cristãs. Entretanto há algo que é inegável, que Jesus era originário da aldeia de Nazaré e passou a maior parte de sua vida pregando nas regiões da Galileia. Uma característica de Jesus é que: “Seus atos, ensino, ditos e parábolas eram enraizados nas experiências da vida camponesa da sua terra.” (NAKANOSE, 2012, p. 18)

Certamente, quando lemos os Evangelhos e não temos esse pano de fundo histórico, não temos como contrapor os ensinamentos de Jesus com as expectativas da figura messiânica esperada pelo povo judeu há dois mil anos atrás. Se a figura do messias esperado pela elite judaica do primeiro século d.C. era a de um rei ungido, descendente da casa de Davi, e para os camponeses era de um líder carismático que libertaria o povo da opressão. A prática e os ensinamentos de Jesus se diferenciam de ambos os protótipos. Nakanose pontua alguns aspectos da prática de Jesus que se diferenciam da imagem oficial do messias daquela época.

Em primeiro lugar, Jesus prega a Boa-nova para os pobres da

Galileia. A Galileia era uma região pobre, não era o lugar da elite; portanto, não era o local apropriado para o surgimento do messias. Segundo, Jesus critica a lei da pureza. Ele vive no meio dos marginalizados, come com os pecadores, toca em leprosos; sua proposta é reintroduzir os que estão à margem de volta à vida social, resgatando a alegria de uma vida com dignidade. Essa atitude rompe com a imagem do *messias guardião da Lei* esperado pelos fariseus e essênios. Terceiro, Jesus não é autoritário, sua prática pressupõe a liberdade, Jesus não controla pelo poder, pois aquele que usa o poder para libertar, corre o risco de subjugar o povo com o mesmo poder. Por fim, Jesus é descrito como o profeta Jeremias, aquele que desafia as autoridades judaicas estabelecidas no Templo, temos aqui a principal causa da ira das autoridades do Templo, pois era aí que o Messias deveria se apresentar e começar sua conquista.

Em síntese, a prática e as atitudes de Jesus, bem como, seus ensinamentos baseados no amor, na caridade, na compaixão e na justiça, divergem significativamente do protótipo messiânico oficial esperado pelos judeus da época. Jesus de Nazaré representou o contrário daquilo que se esperava, se contrapôs à figura autoritária e poderosa, ao messias davídico.

A imagem do Messias que nasce da prática de Jesus se contrapôs à figura messiânica davídica poderosa esperada pelo povo judeu. Ele é o “servo sofredor” (Is 42,1-9), que prega e pratica um relacionamento social e religioso baseado no amor, na compaixão e na justiça, o que o leva a um confronto com as autoridades e, conseqüentemente, à cruz. O sofrimento e a morte de Jesus não são castigos nem projeto de Deus, mas conseqüência de sua prática da justiça e da solidariedade. (NAKANOSE, 2012, p. 19)

A tarefa dos primeiros seguidores e seguidoras de Jesus que conseguiram entender o messianismo do *servo sofredor*, logo após a morte e a experiência pascal, foi iniciar a construção do Reino de Deus baseados no amor e na solidariedade, se colocando ao lado dos desfavorecidos e excluídos. Não foi uma tarefa simples seguir e colocar em prática o projeto de Jesus – servo sofredor – no contexto de repressão implantado e controlado pelo Império Romano, que buscava apenas o poder, as riquezas, honras e famas. Porém, se era difícil seguir e colocar em prática o projeto de Jesus nos primórdios do cristianismo, hoje não é muito diferente, pois o imperialismo econômico, estabelecido na sociedade moderna, divide, individualiza e oprime de outra forma. Hoje ainda prevalece em nossa sociedade, inúmeras pessoas que foram colocadas à margem, que estão famintas e sedentas, pessoas cuja dignidade de ser humano foi-lhes tolhida.

Um sonho para ser colocado em prática

O Papa Francisco em sua Carta Encíclica *Fratelli Tutti*, convida-nos a pensar numa vida com o sabor do Evangelho, como ensinou São Francisco de Assis a seus irmãos e irmãs de fraternidade. Vale lembrar que São Francisco de Assis era movido por um autêntico amor por toda a criação Deus, tanto que recebeu o título de *Santo Padroeiro da Ecologia* e dos pobres. Esse amor pela criação, envolve em especial, o amor pelo ser humano. Portanto, para São Francisco de Assis, não havia dúvidas de que todos os seres humanos, assim como toda a natureza, são filhos do mesmo Deus Criador.

“*FRATELLI TUTTI*”, escrevia São Francisco de Assis, dirigindo-se a seus irmãos e irmãs para lhes propor uma forma de vida com o sabor do Evangelho. Dos conselhos que ele oferecia, quero destacar o convite a um amor que ultrapassa as barreiras da geografia e do espaço; nele, declara feliz quem ama o outro, “o seu irmão, tanto quando está longe, como quando está junto de si”. Com poucas e simples palavras, explicou o essencial de uma fraternidade aberta, que permite reconhecer, valorizar e amar todas as pessoas, independentemente da sua proximidade física, do ponto da terra em que cada uma nasceu ou habita. (FRANCISCO, 2020, p. 5)

O convite do Papa Francisco não é apenas para uma reflexão, mas para que possamos: “reagir com um novo sonho de fraternidade e amizade social que não se limite a palavras.” (FRANCISCO, 2020, p. 7); ou seja, é um convite para a ação, para a prática, onde o *outro* possa ser reconhecido – independentemente de qualquer diferença social, cultural, religiosa, étnica ou econômica – na mais profunda forma da dignidade humana.

Por isso, o conceito de *amizade social*, refere-se à ideia de cultivar relações de respeito mútuo, solidariedade e cooperação entre as pessoas e as comunidades. É uma abordagem que busca promover a harmonia e o entendimento entre os diferentes grupos sociais, culturais e religiosos. A amizade social implica em reconhecer a dignidade e os direitos de todos, especialmente dos mais vulneráveis, e em trabalhar em prol do bem comum. Ela se opõe ao individualismo extremo e à indiferença em relação ao sofrimento dos outros, incentivando a construção de uma sociedade mais justa e fraterna.

Atento aos sinais do tempo, o Papa Francisco faz no primeiro capítulo da Encíclica, uma análise de alguns pontos cruciais da realidade que estão dificultando o desenvolvimento de uma fraternidade universal no mundo contemporâneo. Dentre esses pontos, é notório a preocupação do Papa em relação ao regresso da humanidade no tocante à fraternidade

universal. Para ele, houve avanços notáveis em direção à integração, como o sonho de uma Europa unida e a busca por integração na América Latina. No entanto, recentemente, há sinais de regressão, com ressurgimento de conflitos antigos, nacionalismos exacerbados e uma crescente fragmentação social. A ideia de "abrir-se ao mundo" tem sido apropriada pela economia e finanças, muitas vezes em detrimento do bem comum e da coesão social. A globalização, embora una o mundo em termos econômicos, tem exacerbado divisões sociais e culturais, privilegiando os interesses individuais em detrimento do comunitário. Isso resulta em uma maior fragilidade da política diante dos poderes econômicos transnacionais, que buscam dividir para conquistar.

Esse mesmo motivo, tem gerado uma perda do sentido da história, agravando ainda mais a possibilidade de uma construção do bem comum. Pois, o apagamento da consciência histórica resulta numa degradação da criticidade, levando o ser humano à alienação. Nas palavras do Papa Francisco:

São as novas formas de colonização cultural. Não nos esqueçamos de que “os povos que alienam a sua tradição e – por mania imitativa, violência imposta, imperdoável negligência ou apatia – toleram que se lhes roube a alma, perdem, juntamente com a própria fisionomia espiritual, a sua consistência moral e, por fim, a independência ideológica, económica e política”. Uma maneira eficaz de dissolver a consciência histórica, o pensamento crítico, o empenho pela justiça e os percursos de integração é esvaziar de sentido ou manipular as “grandes” palavras. Que significado têm hoje palavras como democracia, liberdade, justiça, unidade? Foram manipuladas e desfiguradas para utilizá-las como instrumento de domínio, como títulos vazios de conteúdo que podem servir para justificar qualquer ação. (FRANCISCO, 2020, p. 11)

O Papa Francisco, ainda aponta tantos outros grandes desafios que mostram o entrave na construção de um mundo mais justo e fraterno, como por exemplo a *Globalização e progresso sem um rumo comum*, que reflete a preocupação com o estado atual da humanidade, destacando que, apesar dos avanços significativos em ciência, tecnologia e bem-estar, há uma deterioração ética e espiritual. Esta situação gera uma sensação de frustração, solidão e desespero, contribuindo para tensões globais e acumulação de armamentos, impulsionadas por interesses econômicos míopes. Mostra em tom de crítica, como à indiferença globalizada e o individualismo, obscurecem a noção de pertencimento à mesma humanidade e dificultam a construção conjunta da justiça e da paz. A desilusão com os grandes valores fraternos conduz ao cinismo e à tentação

do isolamento, enquanto a verdadeira esperança e renovação surgem da proximidade e do encontro entre as pessoas.

Apesar de tantos desafios complexos a serem resolvidos para alcançarmos um mundo mais fraterno, justo e livre, o Papa Francisco termina o primeiro capítulo da Encíclica, mostrando que Deus continua espalhando suas sementes nos corações de tantas pessoas de boa vontade, isso nos permite acreditar, nos convida:

Convido à esperança que “nos fala duma realidade que está enraizada no mais fundo do ser humano, independentemente das circunstâncias concretas e dos condicionamentos históricos em que vive. Fala-nos duma sede, duma aspiração, dum anseio de plenitude, de vida bem-sucedida, de querer agarrar o que é grande, o que enche o coração e eleva o espírito para coisas grandes, como a verdade, a bondade e a beleza, a justiça e o amor. (...) A esperança é ousada, sabe olhar para além das comodidades pessoais, das pequenas seguranças e compensações que reduzem o horizonte, para se abrir aos grandes ideais que tornam a vida mais bela e digna”. Caminhemos na esperança! (FRANCISCO, 2020, p. 29-30)

O que nos guia no caminho dessa esperança, anunciada pelo Papa Francisco, não é outra coisa senão o amor. A capacidade de amar é o que nos aproxima do outro, o que nos faz ter compaixão, empatia. O amor quando é autêntico não aprisiona, mas liberta, não é egoísta e fechado em si mesmo, está sempre aberto ao encontro, ao diálogo e a fraternidade. A indiferença, pelo contrário, é fruto do egoísmo e da incapacidade de amar, é o auge da individualização, o lugar onde as pessoas acreditam que podem ser felizes sozinhas.

É interessante pensarmos na relação entre o amor e a felicidade, num mundo onde ambos tornaram-se mercadoria e a indiferença nos cega, não nos deixa enxergar que é a partir do amor gratuito, da doação, que podemos construir uma vida significativamente feliz. Por isso, o filósofo Mario Sergio Cortella, nos coloca a questão e apresenta sua percepção: “Eu posso ser feliz sozinho? Muito pouco. Por quê? Porque felicidade é partilha.” (CORTELLA, 2016, p. 87). E o Papa Francisco nos mostra, recorrendo à tradição da Igreja, que as virtudes, sem a caridade: “não cumprem estritamente os Mandamentos ‘como Deus os compreende’” (FRANCISCO, 2020, p. 47).

O amor que nos une às pessoas mais próximas é o motor que nos impulsiona para reconhecer nos outros a dignidade humana, neste sentido, o olhar amplia-se para o social, na abertura a todos os homens e mulheres, perpassando inclusive à esfera política. E de acordo com o Papa Francisco,

um governante tem a possibilidade de criar uma realidade diversa onde todos possam encontrar um lugar.

O diálogo tem um papel fundamental no processo de construção de um mundo mais unido, justo e fraterno. É por meio do diálogo que podemos conhecer, em primeiro lugar, a nós mesmos, saber quem somos, reconhecer nossos potenciais e limitações, demarcar nossa identidade. E conhecer o outro, aquele que está diante de nós, entender seus anseios, e aspirações. A partir do diálogo nasce a empatia e o respeito. É imprescindível criarmos uma cultura do verdadeiro diálogo se quisermos sonhar uma vida em comum. Dialogar significa colocar-se em relação com o outro, como afirma o filósofo Martin Buber:

O homem se torna EU na relação com o TU. O face-a-face aparece e se desvanece, os eventos de relação se condensam e se dissimulam e é nesta alternância que a consciência do parceiro, que permanece o mesmo, que a consciência do EU se esclarece e aumenta cada vez mais. De fato, ainda ela aparece somente envolta na trama das relações, na relação com o TU, como consciência gradativa daquilo que tende para o TU sem ser ainda o TU. (BUBER, 1974, p. 40)

A dimensão do diálogo também se estende para a esfera política, pois um governante precisa encontrar o melhor meio de mediar os conflitos. O diálogo é uma alternativa possível e necessária em meio à indiferença egoísta e à violência destrutiva que muitas vezes caracterizam as interações humanas. Ele deve ser visto como um processo construtivo de troca entre diferentes gerações e setores da sociedade, permitindo a abertura à verdade e o crescimento conjunto.

Enfim, a Encíclica *Fratelli Tutti*, enfatiza a importância da fraternidade universal, solidariedade e amizade social como um caminho para a paz e a justiça, critica o individualismo excessivo que leva à indiferença em relação aos outros e à marginalização dos mais vulneráveis, encoraja o diálogo inter-religioso e intercultural como uma maneira de promover o entendimento mútuo e resolver conflitos, destaca a importância de cuidarmos dos pobres, marginalizados, migrantes e refugiados, chamando à solidariedade e justiça social.

Jesus, o messias da amizade

Como pontuado anteriormente, no primeiro século d. C., surgiram vários movimentos messiânicos. O protótipo de messias era de um rei ungido que libertaria o povo de toda opressão. Jesus de Nazaré aparece nesse cenário e inaugura um novo movimento, instrui seus seguidores a “dar de graça aquilo que receberam de graça” (Mt 10, 8), “amar seus

inimigos” (Mt 5, 44) e “amar o próximo como a si mesmo” (Mt 22, 39), rompendo com a tradição elitista do Templo. Jesus caminhava pregando o Evangelho – a boa-nova – nas periferias, consolando e acolhendo os pobres, marginalizados e excluídos da sociedade. Como narra o Evangelho de Mateus:

Jesus percorria todas as cidades e aldeias. Ensinava nas sinagogas, pregando o Evangelho do Reino e curando todo mal e toda enfermidade. Vendo a multidão, ficou tomado de compaixão, porque estava enfraquecida e abatida como ovelhas sem pastor. Disse, então, aos seus discípulos: ‘A messe é grande, mas os operários são poucos. Pedi, pois, ao Senhor da messe que envie operários para sua messe’. (Mt 9, 35-38)

Jesus de Nazaré não fazia qualquer tipo de distinção, não perguntava qual era a religião, cultura ou classe social, ao contrário, acolhia a todos. Mais do que acolher, Jesus estava preocupado com a *dignidade humana*, isto significa reconhecer que em todo ser humano há algo de valioso, pois toda pessoa foi criada à “imagem e semelhança” (Gn 1, 26) do criador. Ele buscava resgatar essa dignidade que, por qualquer motivo, foi retirada da pessoa. Essas atitudes causaram muito espanto e incomodo na elite judaica, porque ameaçavam a estrutura sacerdotal do Templo, mexendo diretamente com a hierarquia.

Jesus caminhava com os excluídos, com os pobres, leprosos e pecadores, com aqueles que não tinham voz. Certamente a compaixão de Jesus, para com os desfavorecidos, assustava seus compatriotas que estavam apegados demasiadamente à Lei e esqueciam de colocar a criação de Deus em primeiro plano. O mestre de Nazaré, porém, deixava claro seus ensinamentos e mostrava sem hesitar o motivo da sua vinda:

Aconteceu que, estando à mesa, em casa de Levi, muitos publicanos e pecadores também estavam, com Jesus e os seus discípulos – pois eram muitos os que o seguiam. Os escribas dos fariseus, vendo-o comer com os pecadores e os publicanos, diziam aos discípulos dele: ‘Quê? Ele come com os publicanos e pecadores?’ Ouvindo isso, Jesus lhes disse: ‘Não são os que têm saúde que precisam de médico, mas os doentes. Eu não vim chamar justos, mas pecadores’. (Mc 2, 15-17)

Os próprios discípulos tiveram dificuldades para compreender a missão do mestre de Nazaré, que ensinava por parábolas e pregava aos pobres. Podemos observar isso no Evangelho de Lucas, onde ele nos conta que certa vez, as pessoas levavam até Jesus as criancinhas, e observando isso, os discípulos reprovavam, não achavam que o mestre deveria ‘perder

tempo' com as crianças – que também não tinham voz. Mas Jesus dá mais um exemplo de que devemos incluir a todos, sem fazer distinção, ao dizer: “Deixai as criancinhas virem a mim e não as impeçais, pois delas é o Reino de Deus.” (Lc 18, 15-16)

Seguir a proposta de Jesus significava, portanto, renunciar à egolatria que faz o homem sentir-se superior a outrem, seja por gozar de *status social* privilegiado, seja por estar num degrau acima na hierarquia – estabelecida pelo próprio ser humano. Hoje não é diferente, pois vivemos num mundo onde a indiferença prevalece, e muitos – ditos seguidores de Jesus – não compreenderam os ensinamentos do seu mestre. Com a falta de diálogo, de compaixão, de um olhar fraterno e com as ideologias que individualizam, separam e polarizam, vale sempre lembrar que colocar em prática a amizade social é fazer ressoar em nosso tempo os ensinamentos de Jesus: acolher, amar, ter compaixão e se colocar à serviço dos mais fracos. Como narra Lucas em seu Evangelho:

Em seguida disse àquele que o convidara: ‘Ao dares um almoço ou jantar, não convides teus amigos, nem teus irmãos, nem teus parentes, nem os vizinhos ricos; para que não te convidem por sua vez e te retribuam do mesmo modo. Pelo contrário, quando deres uma festa, chama os pobres, estropiados, coxos, cegos; feliz serás, então, porque eles não têm com que te retribuir. Serás, porém, recompensado na ressurreição dos justos’. (Lc 14, 12-14)

Jesus veio para que “tenhamos vida em abundância” (Jo 10,10). Isto significa uma vida plena em todas as dimensões humanas, sejam elas: sociais, espirituais, psíquicas ou físicas; vida em abundância não equivale ao desperdício ou excessos, mas a uma vida equilibrada onde as necessidades básicas são supridas. Quando enxergamos o outro com o amor fraterno, somos capazes de reconhecer suas necessidades e atuar, colaborando com o outro na construção de uma vida plena. Por isso, esse é o mandamento de Jesus para nós, ele nos chama de amigos, não de servos, pois nos revelou para que veio: amar o próximo.

‘Este é o meu mandamento: amai-vos uns aos outros, como eu vos amo. Ninguém tem maior amor do que aquele que dá a sua vida por seus amigos. Vos chamo servos, porque o servo não sabe o que faz seu senhor. Mas chamei-vos amigos, pois vos dei a conhecer tudo quanto ouvi de meu pai.’ (Jo 15, 12-15)

O amor que o mestre de Nazaré ensinou na prática, envolveu seus discípulos e ainda hoje encontramos suas marcas. Podemos encontrar os vestígios deste amor nas pequenas atitudes altruístas que recebemos ou

testemunhamos. Atitudes, por vezes inesperadas e de desconhecidos, como por exemplo a do *bom samaritano* (Lc 10,29-37), que Jesus conta em parábola para os fariseus. As marcas mais expressivas desse amor, são impressas pelas pessoas que se dedicam constantemente em prol do outro. São mulheres e homens que ouviram e disseram *sim* ao chamado de Jesus, que pede “operários para a messe” (Lc 10,2).

A messe é grande, tem muito trabalho a ser feito. Entretanto, se olharmos com atenção existem pessoas que são movidas pelo amor fraterno – que Jesus pregava – elas estão espalhadas pela sociedade – dentro ou fora de uma instituição religiosa –, colocando em prática a caridade: dando alimento a quem tem fome, água a quem tem sede, agasalhando quem tem frio. Essas pessoas não recebem nada em troca, além da certeza de estarem fazendo a coisa certa; vivem no anonimato, pois não há razão para colocarem holofotes sobre si mesmas.

Várias instituições religiosas fazem algum tipo de trabalho para atender os mais necessitados. No Cristianismo, as Igrejas Protestantes e a Igreja Católica promovem inúmeras ações voltadas para o social. Um exemplo é a *Pastoral da Assistência*, realizado em muitas paróquias da Igreja Católica. Essa pastoral faz o cadastro das pessoas em vulnerabilidade alimentar, arrecada alimentos e distribui cestas básicas, garantindo o básico da alimentação para as famílias necessitadas.

A Pastoral da Assistência presta um grande serviço à toda comunidade. Entretanto, vale lembrar quem está na ponta deste belo trabalho: são exatamente àquelas pessoas de boa vontade, que carregam em si a marca do amor pregado por Jesus de Nazaré. Pessoas como a dona Maria, o seu José, que trabalham duro para conseguir o sustento da sua família, mas não deixam de partilhar aquilo que tem com aqueles que nada tem.

Podemos trazer um exemplo em particular de uma pessoa que viveu intensamente a amizade social: *Francisca Bernadete Quadros*, dona Bernadete – como era conhecida (em memória), na comunidade São Francisco de Assis, da paróquia Nossa Senhora Aparecida¹. Dona Bernadete, incansavelmente subia e descia os morros da periferia com uma ou duas sacolas de feira, passava de casa em casa batendo palmas e pedindo um quilo de alimento. Com as sacolas transbordando de arroz, feijão, macarrão etc. e extremamente pesadas, ela continuava subindo a ladeira íngreme até chegar na pequena comunidade. Ali, com outras tantas voluntárias e voluntários da pastoral, montavam carinhosamente as cestas básicas que seriam entregues para as famílias mais carentes do bairro.

¹ Localizada na cidade de Mauá, no ABC paulista, região periférica com inúmeros problemas sociais.

A amizade social, o amor fraterno que Jesus de Nazaré ensinou, podem ser colocados em prática diariamente como fez dona Bernadete e como fazem tantos outros que cruzam nosso caminho. Jesus é o messias da amizade porque nos ensinou a amar uns aos outros. É esse amor que o Papa Francisco traz em sua Carta Encíclica Fratelli Tutti, que permite-nos sonhar com um mundo mais justo, humano e fraterno.

Conclusão

Diante do exposto, fica claro que Jesus de Nazaré inaugurou um novo movimento messiânico no primeiro século d. C., rompendo radicalmente com o protótipo de messias esperado pelo povo judeu de sua época. Ao qual, depositavam sua esperança num messias guerreiro, que libertaria o povo da opressão romana pela força. A figura do messias aguardado era inspirada no grande rei Davi, líder carismático e hábil soldado, que foi ungido pela sua tribo como Rei e, posteriormente, ungido pelos sacerdotes como Rei de Israel. Jesus, entretanto, pregou o Evangelho – a boa nova –, inspirando seus seguidores a amar o próximo, terem compaixão e buscarem a justiça em detrimento dos mais fracos.

Percorremos também a Carta Encíclica Fratelli Tutti, escrita pelo Papa Francisco, onde destacamos as principais e complexas dificuldades que o mundo contemporâneo carrega e que inviabilizam a unidade e a fraternidade em nossas sociedades. Dificuldades tais como: a globalização, que busca somente os interesses econômicos e financeiros, gerando uma ideologia que individualiza e isola cada ser humano em si mesmo; o apagamento da história, que desloca o homem do seu contexto e o aprisiona na alienação, fazendo-o perder a criticidade e conseqüentemente a liberdade. Embora o Papa Francisco elenque tantas dificuldades a serem superadas, ele nos pede esperança, pois Deus continua enviando pessoas que, com suas atitudes de amor fraterno, imbuídas do amor próprio da amizade social, renovam nossas forças e nos fazem sonhar com um mundo mais justo e fraterno.

Passamos por algumas passagens dos Evangelhos, pontuando as palavras e os ensinamentos de Jesus de Nazaré. Onde ele nos mostra, tanto a ruptura do protótipo messiânico – ora exposto – como a base do conceito de amizade social, utilizado pelo Papa Francisco. Enfim, Jesus nos chama de amigos, pois nos revelou o seu principal mandamento, que consiste em amar o próximo. A partir deste amor fraterno, poderemos não somente sonhar, mas construir um mundo mais justo e fraterno, com nossos irmãos e com a natureza.

REFERÊNCIAS

BÍBLIA DE JERUSALÉM. São Paulo: Paulus, 2002

BUBER, Martin. **Eu e Tu.** Trad. Newton Aquiles von Zuben. São Paulo: Editora Moraes, 1974.

CORTELLA, Mario Sergio. **Felicidade: uma presença eventual, um desejo permanente....**In: Felicidade foi-se embora? Rio de Janeiro: Vozes, 2016.

FRANCISCO. **Fratelli tutti: Todos irmãos.** São Paulo: Edições Loyola, 2020

HORSLEY, Richard A; HANSON, John S. **Bandidos, profetas e messias: movimentos populares no tempo de Jesus.** São Paulo: Paulus, 1995.

NAKANOSE, Shigeyuki. **Quem dizem os homens que eu sou? – Uma leitura de Marcos 8, 27-28.** Vida pastoral, São Paulo, setembro-outubro, V. 53, N. 286, p. 16-24, 2012.